



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

MARIA JOSÉ ALVES DE SOUZA

**UMA ANÁLISE DA FEIRA LIVRE DA CIDADE NOVA (FEIRA DE
SANTANA, BA): Subsídios para Estudo de Preservação E Educação
Patrimonial**

Cachoeira, 2017

MARIA JOSÉ ALVES DE SOUZA

UMA ANÁLISE DA FEIRA LIVRE DA CIDADE NOVA (FEIRA DE SANTANA, BA): Subsídios para Estudo de Preservação E Educação Patrimonial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suzane Pinho Pêpe

Cachoeira, 2017

MARIA JOSÉ ALVES DE SOUZA

UMA ANÁLISE DA FEIRA LIVRE DA CIDADE NOVA (FEIRA DE
SANTANA, BA): SUBSÍDIOS PARA ESTUDO DE PRESERVAÇÃO E
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de
Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 7 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Suzane Favares de Pinho Pêpe
Suzane Favares de Pinho Pêpe (Orientadora)

Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Viviane da Silva Santos
Viviane da Silva Santos

Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Gilene Ferreira Santos
Gilene Ferreira Santos

Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

AGRADECIMENTOS

Na vida sempre contamos com apoio de várias pessoas para alcançarmos nossos objetivos. Quando criança precisamos substancialmente da presença da mãe, ou de um adulto para sobre (viver), e nos introduzi no cotidiano social. Os primeiros passos, as primeiras quedas, a primeira ida à escola, o primeiro namorado, a primeira decepção, a primeira graduação, o primeiro trabalho, tudo isto para ter sentido depende da condição de termos alguém para dividirmos o que conquistamos.

Diante do se me apresenta hoje, a contemplação de uma graduação mais que desejada, esperada, quero aqui em primeiro lugar agradecer a Deus, pois foi Ele quem permitiu que chegasse até aqui. Não podendo esquecer também de agradecer pelo apoio da minha família, a qual se configurou como a maior incentivadora, a Senhora Jermira, minha mãe, ao meu companheiro Antonio, por suportar todo o meu mau humor, o qual sempre estive ao meu lado dizendo-me: Chegou até aqui, agora deve ir até o fim. E aos meus filhos amados Gideão e Giliad, que são a razão de meu viver, bem como a minha amada irmã Sara, que sempre estive ao meu lado em todos os momentos, minha sobrinha Vivia que colaborou no meu processo formativo ajudando-me nas digitações e na elaboração dos meus Slides. Salientando aqui um agradecimento especial ao meu saudoso pai, em memória, o Sr. Manoel, sei que estaria vibrando com mais essa conquista.

Mas em se tratando de um processo formativo, não somente a família participa na construção desta trajetória, existem pessoas maravilhosas e inteligentes, os quais enriquecerem meu cabedal teórico, de conhecimento acerca do campo em discussão, o da Museologia, que escolhi como campo de estudo, por isso não posso esquecer-me de todos os meus professores, meus mestres amados, meus colegas, em especial o nosso "Lombarde", meu amigo irmão. Porque todos estes acima citados fazem parte da minha história composta por memórias que permanecerão guardadas comigo enquanto eu viver.

RESUMO

Esta monografia apresenta um estudo exploratório, visa a analisar e propor um estudo sobre a Feira Livre do Bairro da Cidade Nova, situada na cidade de Feira de Santana (Bahia) que consideramos importante por seus aspectos socioeconômicos, assim como histórico e cultural, observando a consciência de preservação por parte daqueles que fazem a feira e, conseqüentemente, de seus frequentadores. A metodologia deste trabalho sobre a Feira Livre do Bairro da Cidade Nova, em Feira de Santana, é qualitativa e analítica. Foram feitas pesquisa bibliográfica, em vídeos e fontes eletrônicas, e pesquisa de campo, cujos instrumentos de tomada de dados consistiram em observações entre final de 2015 e meados de 2017, e 20 entrevistas aplicadas em 2015 e em 2017, 1 uma com a administradora da Feira do bairro da Cidade Nova (Feira de Santana), e 19 comerciantes com feirantes da mesma. Deste, 13 se identificaram, várias conversas informais ocorreram com feirantes. Optamos pela não identificação dos entrevistados, numerando-os. Queremos ter subsídios para propor um trabalho na área de Educação Patrimonial sobre esta feira junto à comunidade local para que se desperte para a necessidade de consciência de conservação da feira. Na análise podemos observar as feiras livres como um lugar histórico de permanência em meio a tantas mudanças, sociais, políticos, culturais e econômicas, constituindo-se assim uma manifestação cultural e econômica forte no Nordeste do Brasil, apesar dos desafios enfrentados em meio à modernidade, onde grandes redes de supermercados cada vez mais têm oferecido os produtos comercializados nas feiras livres, apesar disto as mesmas têm garantido seu lugar de permanência na sociedade. Com resultado desta pesquisa percebemos que a Feira da Cidade Nova é importante para o dinamismo socioeconômico do bairro, conseqüentemente da cidade, mantendo a modalidade do comércio varejista, fincada em práticas e costumes passados através de gerações. A pesquisa revelou, o fato de se conceber o patrimônio e a museologia, que valoriza não apenas museus, mas espaços como o das feiras livres. Esperamos que reflexões advindas deste trabalho corroborem para o conhecimento acerca da sociedade a qual estamos inseridos, servindo como uma forma de intercâmbio de conhecimentos, histórias, culturas, assim como tomada de posições, pois a modalidade da feira livre está enraizada por todo o território brasileiro, e por todo o mundo, como uma atividade que tem uma de suas características, o deslocamento, fator este que enriquece a cultura.

Palavras chaves: Educação Patrimonial. Museologia. Feira Livre. Feira de Santana.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Localização metropolitana de Feira de Santana	06
Mapa 2	Distritos de Feira de Santana	06
Mapa 3	Rodovias Federais de Feira de Santana	07
Mapa 4	Mapa de localização do bairro Cidade Nova	19

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Feira Livre na Avenida Senhor do Passos em Feira de Santana, década de 1970	09
Figura 2	A Feira livre realizada no centro de Feira Santana, anos 1970.	10
Figura 3	Feira livre, no Centro de Feira de Santana, anos 1970	11
Figura 4	Centro Odontológico Vamos Sorrir	20
Figura 5	Farmácia silva	20
Figura 6	Posto de Gasolina	20
Figura 7	Lotérica e farmácia do Trabalhador	20
Figura 8	Frente da BR 116	22
Figura 9	Frente da Br 116	22
Figura 10	Galpão 02	22
Figura 11	Galpão 03	22
Figura 12	Cereais	25
Figura 14	Artesanato	25
Figura 15	Temperos	25
Figura 16	Vendedora de bolo e beiju	26
Figura 17	Bolo na folha de bananeira e beiju	26
Figura 18	Doce de banana na palha	27
Figura 19	Badogue	27
Figura 20	Lixo acumulado na entrada da feira	31
Figura 21	Falta de conservação dos espaços e lixo acumulado	21

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBRAM – Instituto Brasília Ambiental

ICOM – Conselho Internacional de Museus

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEC – Ministério da Educação

MINC – Ministério da Cultura

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	01
2	DA FEIRA LIVRE À FEIRA DE SANTANA	03
2.1	A Cidade de Feira de Santana.....	05
3	A FEIRA ENTRE CONCEITOS.....	13
4	ANÁLISE DA FEIRA LIVRE NO BAIRRO DA CIDADE NOVA.....	18
4.1	Situação e Estrutura física	18
4.2	Os feirantes	20
4.3	Os produtos comercializados.....	22
4.4	Organização e Limpeza.....	26
5	O POTENCIAL DE FEIRA PARA REALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	30
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS	36

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa sobre a Feira Livre de Cidade Nova em Feira de Santana, Bahia, surgiu de nosso interesse pessoal, uma vez que transitamos por ela há mais de trinta anos e começamos a sentir a necessidade de lançar um olhar de pesquisador, o que gerou este trabalho, cujo objetivo é conhecer como esta feira é vista e praticada por feirantes, a fim de desenvolver a posteriori um trabalho voltado para o reconhecimento da importância deste espaço de trocas econômicas, sociais e culturais que precisa ser melhor preservado, abrangendo também público frequentador, para que as próximas gerações possam dar continuidade a essa prática sociocultural que gera renda, mantendo muitas famílias.

Assim nosso objeto de estudo é a Feira Livre do Bairro da Cidade Nova, situada na cidade de Feira de Santana (Bahia) que consideramos importante por seus aspectos socioeconômicos, assim como histórico e cultural, merecendo sob nosso olhar maior consciência de preservação por parte daqueles que fazem a feira e, conseqüentemente, de seus frequentadores. Aí ocorre a venda de alimentos, bebidas, ervas, entre outros que envolvem técnicas artesanais, variando dos gastronômicos aos artefatos, de couro, roupas etc. A preparação ou confecção de vários produtos vendidos na Feira resultam de conhecimentos e práticas transmitidas através de gerações.

Ao longo do processo de pesquisa, surgiram as seguintes indagações: O que a Feira Livre do Bairro da Cidade Nova representa para os feirantes que dela participam? Qual a relação de pertencimento dos feirantes com Feira Livre do Bairro da Cidade Nova? Como a Feira Livre do Bairro da Cidade Nova contribui para a história do local ao qual está inserido e a sua preservação? Como a feira pode contribuir para a educação patrimonial?

Destacamos alguns autores e obras que nos permitiram construir este trabalho, a começar pelo Projeto Memória de Feira Livre de Feira de Santana, coordenado por Vicente Deocleciano Moreira, que gerou artigos na revista *Sitientibus*, em 1996 e 2002. Assim como abordagens sobre geografia, cultura, memória, patrimônio, sociedade e, por fim história, as quais contribuíram para o entendimento da Feira Livre, ampliando experiências e olhares.

A metodologia deste trabalho sobre a Feira Livre do Bairro da Cidade Nova, em Feira de Santana, é qualitativa e analítica. Foram feitas pesquisa bibliográfica,

em vídeos e fontes eletrônicas, e pesquisa de campo, cujos instrumentos de tomada de dados consistiram em observações entre final de 2015 e meados de 2017, e 20 entrevistas aplicadas em 2015 e em 2017, 1 com a administradora da Feira do bairro da Cidade Nova (Feira de Santana), e 19 comerciantes com feirantes da mesma. Deste, 13 se identificaram, várias conversas informais ocorreram com feirantes. Optamos pela não identificação dos entrevistados, numerando-os.

Após esta Introdução, seguem os demais itens, sendo o primeiro sobre feiras livres e a origem cidade de Feira de Santana. No segundo item, tratamos de aspectos conceituais e, no terceiro, analisamos a Feira Livre da Cidade Nova, bairro de Feira de Santana, além das Considerações Finais, na qual trazemos sugestões para a realização de trabalho de Educação patrimonial.

2 DAS FEIRAS LIVRES À FEIRA DE SANTANA

O aparecimento das feiras está diretamente relacionado ao aumento da produção de bens e da possibilidade de deslocamento para troca e comercialização. É um fenômeno surgido no processo de formação das cidades desde a Antiguidade. Na Europa medieval, as feiras estavam relacionadas aos festejos religiosos. Aliás, a palavra feira advém do latim “feria” e significa “dia santo” ou “feriado”, momento em que as pessoas se reuniam em lugares públicos com o fim de vender seus produtos artesanais, ou trocar aquilo que cultivavam por outros produtos. (FOURQUIN, 1990, p. 268 *apud* COSTA, 2013, p. 3)

As feiras livres na Idade Média, muitas vezes, podiam interromper as guerras, por se instalarem em locais estratégicos, de grande concentração humana e nas rotas comerciais, o que acabava por garantir uma espécie de “trégua”, o que permitia que o comércio pudesse ser feito com segurança. A circulação de uma grande quantidade de mercadoria promoveu o renascimento do comércio, culminado na utilização de uma moeda específica como forma de pagamento, aumentando a venda da força de trabalho, bens manufaturados, bens comestíveis, instituindo, portanto, o comércio, o qual demandou a criação dos bancos. (LEFEBVRE, 2001, p. 129).

No Brasil, o movimento de comércio de mercadoria para subsistência já fazia parte do cotidiano dos nativos, como é exposto pelo historiador Luiz Mott, em sua tese de doutorado¹, citada por José Erimar Santos, geógrafo. O autor diz que antes da chegada dos europeus ao Brasil já existiam ocorriam trocas entre os nativos, cujos produtos eram levados até a praia e entregues nas mãos de particulares ou nas feitorias, para serem embarcados com destino ao Reino quando da chegada das naus. O que não se constituía em feira, mas pode-se pensar que a partir desta prática foi se estabelecendo uma atividade comercial periódica no Brasil, implantada pelos colonizadores portugueses, tendo surgido devido ao aumento da população e também à diversificação econômica. (SANTOS, 2012, p. 43),

A primeira referência de feira no Brasil, datada em 1548, aparece no Regimento enviado ao Governador Geral, pelo rei Dom João III, ordenando “[...] que

¹ A feira de Brejo Grande: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do Baixo São Francisco, defendida em 1975, pela Universidade de Campinas, Campinas-SP, 1975.

nas ditas vilas e povoados se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira [...]” (MOTT, 1975, p. 309 *apud* SANTOS, 2013, p. 43)

As feiras no Brasil, no período da Colônia se desenvolveram tanto em centros urbanos, em torno de uma igreja ou um largo quanto em locais de passagem, entroncamentos, crescendo junto com as cidades. (DOSSIÊ. Feira de Caruaru, 2006)

Foram importantes para atender as necessidades das pessoas em termos de mercadorias e para a circulação de informações, de forma significativa, ligando locais como as zonas rurais, e pequenas, médias e grandes cidades. Alguns autores defendem que no Nordeste, a feira livre, forma de comércio varejista, obteve êxito em função da sua formação econômica e socioespacial que envolve, devido aos meios de comunicação existentes e ao tipo de agricultura e pecuária praticado na região (SANTOS, 2013, p. 43).

Entre o século XVII e XIX, não havia por parte dos portugueses interesse na importação de mercadorias para abastecer o Brasil, muito pelo contrário, interessavam-se pela exploração de dos produtos nativos aqui produzidos. (SANTOS, 2013, p. 43). Isso estimulou, no Nordeste do Brasil, inclusive na Bahia, a economia de subsistência, cujos excedentes chegam às feiras livres.

Vale a pena ressaltar o intenso comércio de gado verificado nas regiões interioranas do país, nos séculos XVIII e XIX, justificado pelo afastamento do gado das regiões litorâneas canavieiras, o que obrigou as pessoas a armar sua tenda e fixar-se em um só lugar, ampliando assim a criação das feiras livres fixas.

Dentro deste processo de formação de cidades brasileiras, as suas feiras estabeleceram-se como principal local de comércio da população, principalmente no Nordeste. E nos pequenos núcleos rurais, as comunidades dedicavam-se à feira em períodos de movimento comercial, mas se mantinham nas atividades primárias nas outras ocasiões.

Diante dos avanços tecnológicos e das mudanças estruturais tanto sociais quanto política econômica, destacamos que em função de uma economia cada vez mais centrada nos serviços, as feiras livres dos pequenos núcleos de povoamento e cidades têm permanecido como uma fonte de ligação entre o “velho” e o “novo”, entre o dito “tradicional” e o dito “moderno”. No interior do Nordeste do Brasil, a maioria da população não tem se centrado nas atividades primárias como no

passado, sendo o comércio a atividade prevalente para muitas famílias, aumentando a dinamicidade. As feiras livres passaram a ter produtos importados de baixo valor que ganharam espaço nas últimas décadas, o que ocorre com a expansão de mercados externos.

A atividade desenvolvida pelas feiras livres se distribui em núcleos em diversos pontos comerciais, o que faz com que grande parte da população esteja a elas engajados e não somente a sua maioria ligada a atividades econômicas, mas também na relação de trocas e encontros. Isso é observável quando se analisa a diversidade intra-regional que existente no Brasil e em especial no Nordeste brasileiro.

É certo que algumas feiras tiveram que mudar de lugar, por conta da modernização, mas também outras permanecem no mesmo lugar de seu nascimento, o único fato é sua ampliação por causa do aumento de feirantes para atender a comunidade local. Vale destacar que apesar de se modernizarem, as feiras livres permanecem forte no sistema econômico, a sua forma de lidar com o público continua a mesma, e as pessoas frequentam este lugar, muitas vezes por distração, para encontrar e reencontrar amigos, como lazer, passa tempo, e pela quantidade de variedade ofertada por esse espaço chamado, feira livre.

Enfim, as feiras livres desempenharam e desempenham um grande papel no Nordeste do Brasil por se configurar como uma das principais formas de comercialização de alimentos e por ser um dos principais comércios varejistas de abastecimento para uma grande parcela da população, sendo os feirantes parte importante nesse processo que envolve o deslocamento de mercadorias para que essas cheguem aos consumidores. O crescimento deste tipo de comércio também envolve disciplina, fiscalização e cobrança de taxas, o que cabe aos poderes públicos locais (FOURQUIN,1990, p. 268 *apud* SANTOS, 2013, p. 3)

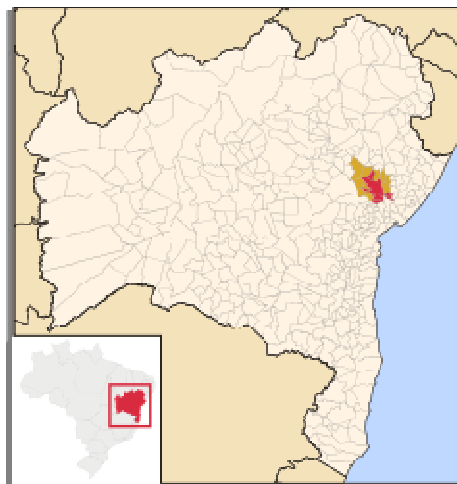
2.1 A Cidade de Feira de Santana

Feira de Santana é hoje a segunda maior cidade do Estado da Bahia com uma estimativa populacional de 627. 477 habitantes em 2017, segundo estimativa do IBGE.² Localizada na microrregião de mesmo nome, situada, por sua vez, na

² Segundo censo do IBGE, de 2010, Feira de Santana possuía 556.642 pessoas.

mesorregião Centro-Norte Baiano³. (Mapa 1)

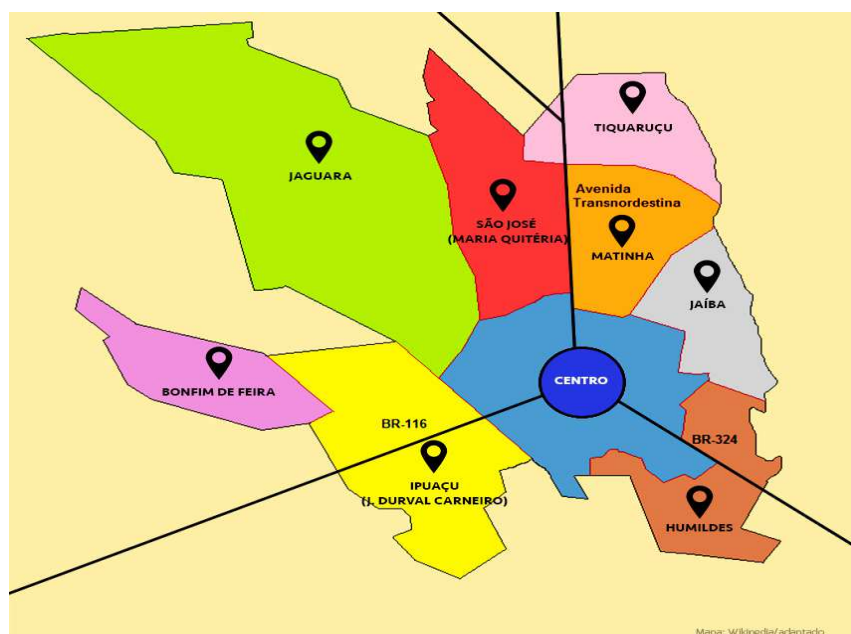
Mapa 1 - Localização metropolitana de Feira de Santana



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Feira_de_Santana#/media/File:Bahia_RM_FeiradeSantana_AreadeExpansao.svg>

O município Feira de Santana compreende a Sede (Feira de Santana) e os distritos de Maria Quitéria, Matinha, Jaíba, Bonfim de Feira, Jaguará, Governador João Durval Carneiro, Humildes e Tiquaruçu. (Mapa 2)

Mapa 2 - Distritos de Feira de Santana



Fonte: <<http://feirenses.com/mapa-distritos-feira-de-santana/>>

³ Além de Feira de Santana, são microrregiões do Centro-Norte Baiano: Irecê, Itaberaba, Jacobina e Senhor do Bonfim.

Feira de Santana é importante centro de ligação entre o norte e o sul do Brasil, sendo cortada por três rodovias federais, as BRs 324, 116 e 101 (Mapa 3), que servem de importantes rotas por onde passam produtos e pessoas tanto em direção às regiões Norte e Sudeste quanto ao litoral onde se localiza a capital do Estado. No livro *Pequenos Mundos*, que procura inventariar a cultura popular do interior baiano, Néelson de Araújo, seu autor, descreveu Feira de Santana como sendo “um centro urbano em permanente expansão, encravado na principal encruzilhada rodoviária do Nordeste”. (Oliveira, 2010 p. 32)

Mapa 3 - Rodovias Federais de Feira de Santana



Fonte: < <https://mapasblog.blogspot.com.br/2014/08/mapas-de-feira-de-santanaba.html>

A primeira urbe da história do que consideramos o município de Feira de Santana foi a Vila de São José das Itapororocas, iniciada com a ocupação de Peixoto Viegas em meados do século XVII, sesmeiro português convertido ao catolicismo (Pedreira, 1983 p.15-16).

Já o núcleo urbano Feira de Santana surgiu da Fazenda Santana dos Olhos d'Água, que possuía uma capela dedicada a Nossa Senhora Santana e a São Domingos. Essa propriedade foi de Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandoa. Após a morte de seus proprietários, consideradas devolutas, foi crescendo o povoado (Pedreira, 1983 p.15-16).

O surgimento da cidade tem sua história relacionada ao desenvolvimento da feira livre que ocorria no centro da cidade, a qual se tornou importante

entroncamento comercial para mercadores de gado provenientes do Alto Sertão baiano e região do Piauí e Goiás. (Oliveira, 2010, p.34). Esses mercadores dirigiam seu gado até o porto da Cachoeira, no Recôncavo baiano para escoar seus produtos para o mercado da capital.⁴

A partir da feira do gado houve a necessidade de comercialização de outros produtos fazendo com que a feira livre prosperasse fazendo com que a pacata feira livre do século XVIII se tornasse ao longo do século XIX um importante centro de comércio que mediava as relações do Alto Sertão com as regiões do Recôncavo, por conta de uma localização geográfica estratégica. (Oliveira, 2010, p. 35). A agricultura também foi crescendo e a possibilidade de negociar gêneros foi garantida pela pequena feira livre que acontecia uma vez por semana em torno da capela de Santana.

Feira de Santana passou à condição de Vila por Decreto em 13/11/1832, quando foi desmembrada de Cachoeira⁵, e a sua sede foi instituída em 18/09/1833, Lei Provincial N. 1.320, datada de 16/6/1873 sendo a Sede a área da Antiga Fazenda Santana dos Olhos d'Água, à altura centro de comércio crescente. (IBGE, Bahia, Feira de Santana). Ascendeu à condição de Município em 13 de novembro de 1883, por força de Lei Provincial. Seu nome Cidade Comercial de Faria de Santana ficou reduzido para Feira de Santana, pelos Decretos de 23 de junho e 8 de agosto de 1931.⁶

Em seu processo de modernização iniciado no século XX, a sociedade feirense passou a enfrentar um sentimento conflituoso caracterizado pela tentativa de comparar os elementos do passado e os ideais de futuros pretendidos - que assinalava disputa em pares antagônicos urbano/rural, cidade/campo, atrasado/moderno, civilizado/bárbaro (Cruz, 2014, p. 5).

Tal necessidade de modernização trouxe para a urbe as questões relacionadas a organização e modernização do seu centro urbano é a partir do

⁴ FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização (1970- 1996)*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 1998; ALMEIDA, Oscar Damião de. *Dicionário de Feira de Santana. Feira de Santana: Editora Talentos/Gráfica Santa Rita, 2006.*

⁵ Até 1832 a cidade de feira de Santana era considerada um distrito da cidade de Cachoeira.

⁶ “Consta do recenseamento de 187 que a cidade abrigava, na época, 32.955 habitantes e, num levantamento em 1956, apontava 154 logradouros, dos quais, 10 avenidas e praças pavimentadas a paralelepípedos e 82 ruas, 13 travessas e becos. (MOREIRA, 1996, p. 210)

século XX que verificamos o aparecimento da “questão urbana”, que se caracterizou pela proliferação de discursos que apontavam para um conjunto de problemas relacionados ao espaço urbano e sua população, tendo como solução àquilo que se convencionou chamar de modernização, acompanhado dos ideais de progresso. (Cruz, 2014, p. 3).

Essa modernização do centro urbano é feita de maneira rápida sem que haja uma discussão com a sociedade da época, essa modernização é bastante estreita na estruturação do espaço urbano e da composição de regras de conduta social, desprezando, a discussão sobre os direitos sociais que a vida urbana suscitava (Cruz, 2014, p. 4).

Figura 1 - Feira Livre na Avenida Senhor do Passos em Feira de Santana, década de 1970.



Fonte: <<http://1.bp.blogspot.com/FuWKijEaMYo/TjI11ecg23I/AAAAAAAAAGY/B4X1MsAQ8hA/s1600/FEira+livre+na+senhor+dos+passos.jpg>>

Sobre o processo de crescimento e urbanização da cidade Poppino (1968, p.12) (apud; FREITAS, 2009), afirma que “desde os tempos coloniais tornou-se conhecida como um entreposto comercial de vida própria” e “em 1950 era conhecida em todo o Nordeste do Brasil”, devido ao importante mercado de produtos agrícolas

e pecuários. Neste contexto a feira passa a ser um incômodo no centro urbano fazendo-se necessário a reorganização desses espaços urbanos inspirados na imagem de Paris haussmanniana que figurou no ideário moderno como um modelo autêntico de cidade⁷. Feira de Santana que nesse período figurava no cenário baiano como a cidade mais importante do interior da Bahia (Oliveira, 2000, p. 17.) Neste contexto, Rinaldo Leite afirma que:

Embora as cidades brasileiras estivessem inseridas nesta experiência, é preciso que se diga que cada qual vivenciou a modernidade que lhe fora possível. A intensidade e os limites da modernização dependiam das especificidades, das condições econômicas, sociais, políticas, culturais e outras, dos locais onde ela se dava.

Figura 2 - A Feira livre na Avenida Senhor dos Passos no centro de Feira Santana, anos 1970.



Fonte: <<http://www2.uefs.br/pgh/fotos.html>>

A feira de gado e a feira livre conviveram em boa parte do tempo dissociados. Surgiram lojas de artigos manufaturados e de luxo, parte para a revenda no interior e parte importada para Salvador, sem entrar em choque interesses de comerciantes e de produtores de gado da região, com o interesse de feirantes.

⁷ RIBEIRO, Luiz Cesar e PECHMAN, Robert (Org.). Cidade, povo e nação – gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Figura 4 – Feira livre, no Centro de Feira de Santana, anos 1970. Fonte:



<<http://www2.uefs.br/pgh/fotos.html>>

Em 11 de janeiro de 1977, a feira livre do Centro foi transferida para o Centro de Abastecimento, no Parque Manoel Mathias, na gestão do prefeito José Falcão da Silva, justificando-se que, com a expansão urbana, houve um crescimento muito grande da mesma, demandando a mudança para um local capaz de comportar o público atendido.

O processo de urbanização acelerada e a transformação de valores e aspectos físicos de Feira de Santana culminaram com o fim da maior feira livre do Nordeste, cujas características persistem em parte, desde a metade do século XVIII. (MOREIRA, 1996, p.208)

De acordo com depoimentos sobre o assunto, a mudança dessa feira livre para o Centro de Abastecimento deu-se porque só era possível ocorrer nos dias de domingo e segunda-feira para não provocar congestionamento e o novo espaço ampliou a possibilidade de longo funcionamento. Um vídeo produzido pela TV Aprisco demonstra satisfação de comerciantes (“feirantes”) que experimentaram a mudança. (Documentário... TV Aprisco, s.d.)

Enfim, Feira de Santana foi crescendo por sua localização, como cidade de ligação entre as diversas cidades baianas e de outros estados, além de se caracterizar pela grande circulação de pessoas, produtos e dinamismo comercial.

Em seu processo de crescimento houve a mudança da Antiga Feira do Centro para outro local e novas feiras foram surgindo, como: Feira da Estação Nova,

Feirinha do Tomba, Feirinha do Sobradinho, Feirinha do George Américo, Feira Livre da Cidade Nova, sendo esta, nosso objeto de estudo.

3 A FEIRA ENTRE CONCEITOS

A Feira da Cidade Nova, como as feiras livres de um modo geral, possui elementos e características passíveis de uma leitura no âmbito da compreensão dos espaços socialmente apropriados e também podem ser entendidas como sendo uma manifestação das especificidades da economia urbana feirense. De acordo com Santos (2006. p. 226):

Sendo o espaço geográfico um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, sua definição varia com as épocas, isto é, com a natureza dos objetos e a natureza das ações presentes em cada momento histórico. Já que a técnica é também social, pode-se lembrar que sistemas de objetos e sistemas de ações em conjunto constituem sistemas técnicos, cuja sucessão nos dá a história do espaço geográfico.

Na visão de Friedrich Ratzel (apud; MENESES, 2015), o espaço é base indispensável à vida do homem englobando as condições produtivas tanto naturais como socialmente articuladas fazendo do espaço ponto essencial da formação histórica humana. Para Richard Hartshorne (apud; MENESES, 2015), a preocupação com o espaço deveria levar em conta a combinação dos fenômenos naturais e humanos. Esse autor contribuiu para visão de existência de uma relação entre características específicas dos lugares e gerais de uma região, e de condições gerais formadoras de uma espécie de "rede" que interligava as diferentes localidades.

Os conceitos de espaço e território foram diferenciados por Claude Raffestin no livro *Por uma Geografia do Poder* (1993, p. 143), que considerou o primeiro como substrato do segundo.

O território se forma a partir do espaço, [...] é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. No processo de apropriação de um espaço, o ator social territorializa tal espaço. O território é por ele compreendido como um espaço projeto de uma produção humana, a qual envolve relações inscritas em um campo de poder. (RAFFESTIN, 1993, p. 143-144)

O território, além de ser a apropriação de um local por um grupo social, é

área dominada e delimitada fisicamente através de fronteiras instituídas por relações de poder, relações estas que não são exclusivamente políticas e econômicas (abrange a luta de classes, relações capital-trabalho e de produção-consumo), também de ordem cultural e ambiental. O território sob a perspectiva culturalista é visto como produto da apropriação simbólica de um grupo sobre seu espaço (VIEIRA, FALCÃO, KNOOP, 2010, p. 7) impregnado de identidade (s).

Por ser fruto de múltiplas relações sociais, o território também está sujeito ao processo dialético de construção-destruição-reconstrução. Nesta perspectiva, novos territórios são formados na medida em que outros desaparecem e voltam a se formar novamente. (SANTOS, 2002, p. 329).

Do ponto de vista da comunicação dos lugares, as feiras são espaços comunicantes da cultura. Possuem público; e a sua espacialidade e visualidade são nutridas de “signos, imagens e imaginários”, conforme Lucrecia d’Aléssio Ferrara (2007, p.19). Essas categorias são interprocessadas e estão em diálogo, fazendo construir os “territórios do espaço comunicante”.

Desta forma, as feiras podem tornar-se espaços importantes na construção da cultura e identidade, e da história de um lugar. Há casos em que o reconhecimento desses aspectos leva a ser uma feira livre reconhecida como patrimônio histórico e cultural, tendo em vista seu caráter representativo de práticas socioculturais diversas.

Vale ressaltar que as concepções sobre patrimônio se modificaram muito partir dos anos 70, transpondo a ideia de que o patrimônio somente seria o bem que uma pessoa possuía, ou o Estado, ou a visão que se atribuía ao artefato histórico seria aquele material antigo pertencente a classes ou grupos dominantes social e economicamente. Percebemos na atualidade que as políticas de valorização do patrimônio cultural tendem a reconhecer as culturas populares e suas manifestações tangíveis e intangíveis, ou seja, materiais e imateriais, na medida que são reconhecidos por sua comunidade como tal e por serem representativas da cultura para seu território.

Segundo Gonçalves (2003) o conceito de patrimônio seja uma construção social, que vem se difundindo ao longo dos tempos, e, portanto fazem parte da memória, dá subsídios para uma (re)leitura dos discursos acerca do lugar onde a feira livre se situa.

A preocupação com a preservação cultural no Brasil iniciou-se em 1937, voltada para os bens da cultura material, a fim de ser melhor protegidos, fossem de caráter: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; das belas artes; e das artes aplicadas.⁸

Segundo o IPHAN, podem ser considerados patrimônio material: bens móveis, móveis como os cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, a exemplo de coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (IPHAN. Patrimônio Material)

De acordo com o Decreto Nº 5.753, de 12 de abril de 2006, o patrimônio cultural imaterial abrange tradições e expressões orais, expressões artísticas, práticas sociais, rituais e atos festivos, conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; além de técnicas artesanais tradicionais.

As feiras são exemplos de lócus de cultura material e imaterial. Algumas delas no Nordeste do Brasil foram registradas como bem de natureza imaterial pelo IPHAN⁹, por ser referência de continuidade histórica e relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. A histórica Feira de Caruaru (Pernambuco) foi assim inscrita no Livro de Registro dos Lugares como patrimônio da cultura imaterial nacional em 2006 (IPHAN, 12 dez. 2007), e a Feira de Campina Grande (Paraíba), inscrita no mesmo livro em 2017 (IPHAN. 27 set. 2017).

O compromisso com a questão da paisagem e natureza está presente na Carta de Brasília, de 25 julho de 2010, enfatizando as questões ambientais, no qual o patrimônio natural não é visto dissociado do cultural. O Patrimônio Natural no Brasil (IPHAN), datado de 20 de janeiro de 2004, voltado a paisagens, compreende o patrimônio cultural como resultado da relação entre o cultural e o natural e esclarece que cabe aos órgãos ambientais o controle ambiental.

⁸ Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937.

⁹ O registro de bens culturais de natureza imaterial no Brasil deve ser periodicamente reavaliado e é feito nos seguintes livros: "Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades"; "II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social"; "III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas."

A problemática ambiental tem mobilizado vários segmentos sociais e diversos campos do saber a revisitar suas concepções baseadas na natureza separada da sociedade. Essa visão contribui para a concepção de natureza/sociedade, “em que a natureza se definiria na sociedade por aquilo que se oporia à cultura, enquanto a cultura seria tomada como algo superior que consegue controlar e dominar a natureza, o que é extremamente questionável.” (GONÇALVES, 2006 *apud* SILVA JR.; PROST, 2013, p. 288).

Neste sentido, podemos situar que lugares podem ser reconhecidos como bens imateriais pelas esferas públicas quando solicitado através de dossiê e processo de análise, o que foi instituído no Brasil pelo Decreto Nº 3.551, de 4 de agosto de 2000¹⁰, que cria o registro de bens culturais de natureza imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Mas, a criação de um instrumento legal sobre a salvaguarda de bens imateriais fora proposta desde 1997, durante O Seminário Internacional Patrimônio Imaterial: estratégias e formas de proteção, que produziu a Carta de Fortaleza¹¹. Tal documento foi responsável pela recomendação ao IPHAN de realizar o inventário bens intangíveis em âmbito nacional que culminou com o decreto supracitado. (IPHAN. *Instrumentos de Salvaguarda*)

As feiras livres quando reconhecidas por sua importância histórica podem vir a ser consideradas patrimônio. De acordo com o IPHAN:

Mercados, feiras, santuários, praças onde são concentradas ou reproduzidas práticas culturais coletivas são espaços inscritos pelo Iphan no Livro de Registro dos Lugares. Lugares são aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local, onde são realizadas práticas e atividades de naturezas variadas, tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais. Podem ser conceituados como lugares focais da vida social de uma localidade, cujos atributos são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas, participando da construção dos sentidos de pertencimento, memória e identidade dos grupos sociais. (IPHAN. *Fototeca*)

O processo de reconhecimento de um pertencimento e de construção uma

¹⁰ Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza. Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio.

¹¹ Instrumento legal sobre a salvaguarda foi proposta em 1997, durante o Seminário Internacional Patrimônio Imaterial. Este documento recomendou ao Iphan a realização do inventário desses bens em âmbito nacional, a integração das informações produzidas ao Sistema Nacional de Informações Culturais (SNIC) e a criação, pelo Ministério da Cultura (MinC).

identidade de grupos sociais em relação a um lugar encontra como recurso para acesso a identidade individual uma vez que, esta é a representação que um indivíduo dá a si mesmo por pertencer a um grupo" (Tajfel apud Whetten e Godfrey, 1998). Destarte, as feiras livres são um lugar de encontros, negociação, necessitam de interação, diálogo e tolerância.

No caso de Feira de Santana, essa construção de identidades é essencial para o conhecimento de sua história, da sua dimensão cultural e de seus sistemas simbólicos, visto que, a feira constantemente se reorganiza para atender às demandas da sociedade crescente e para sua formação, manutenção e disseminação da diversidade cultural, que é estabelecido através do intercâmbio diário com o público que frequenta as feiras livres.

Entra então em discussão a ideia de crise de tradições, conforme vimos em relação à Feira do Centro. A regência exercida por uma racionalidade gera um desafio que é preservar os espaços em suas características culturais podendo oferecer condições de uso e conforto ambiental para quem trabalha e demais usuários. FUNARI 2009, p. 29 salienta que:

“A valorização do patrimônio cultural e a necessidade de reabilitar os centros históricos, na atualidade, constituem premissas básicas dos debates sobre o desenvolvimento sustentável nas cidades latino-americanas, pois esses centros representam a síntese da diversidade que caracteriza a própria cidade” (FUNARI, 2009, p. 29).

Essa inquietação acerca da urbanização da é questionada desde os anos 40 como salienta o autor Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira em um de seus textos sobre o também autor Eurico Alves Boaventura (apud; Oliveira, 2009), nessa escrita o autor demonstra o não reconhecimento do tecido urbano que se configurava na sua Feira de Santana natal. Eurico estranhava os sons, as ruas, as pessoas e as práticas que cruzavam a paisagem da urbe. Na montagem do inventário da diferença foi escolhido, como o primeiro assunto, as sonoridades, os barulhos que o impediam de exercitar as suas lembranças e reconhecer a sua cidade.

As questões históricas da cidade, neste sentido, sempre aconteceram de forma que seus habitantes não conseguem acompanhar com a mesma velocidade, Oliveira, 2009, p. 24 ainda salienta que um centro urbano altera significativamente

os ordenamentos de uma cidade, são novas práticas que começam a circular pelas ruas da cidade.

Mas, consideramos também as questões urbanísticas e arrumação da cidade, pois, no caso de Feira de Santana, não havia outra solução que não fosse o deslocamento da Feira do Centro para o Centro de Abastecimento, no mesmo bairro, pelo acúmulo de feirantes e não poder ocorrer uma seleção de feirantes ou separação de setores da feira para continuar funcionando conjuntamente em sua totalidade.

Neste sentido, a atualização do Plano Diretor Municipal é de fundamental importância para que sejam respeitadas as necessidades urbanísticas, nas também as questões relacionadas às Feiras Livres da cidade, as zonas rurais e desenvolvimento do centro urbano municipal.

4 ANÁLISE DA FEIRA LIVRE NO BAIRRO DA CIDADE NOVA

4.1 Situação e Estrutura

Situado na zona Norte da cidade de Feira de Santana, o bairro da Cidade Nova foi projetado em 1966 (Mapa 4 e Figuras 4, 5, 6 e 7), culminando processos de mudanças ocorridas em Feira de Santana entre os anos 1960 e início de 1970, indo da criação do Centro das Indústrias de Feira de Santana e do Centro Industrial do Subaé até o setor habitacional. A construção e formação do bairro da Cidade Nova foram iniciadas com a construção de dois conjuntos habitacionais em 1966, como alternativa de moradia para os funcionários públicos e servidores da Petrobras. São eles: URBIS: Feira I e Feira II, sendo as ruas do Feira I nomeadas por letras e números, enquanto as do Feira II receberam nomes de jogadores de futebol e cidades do interior baiano. (PMFS, 2000 *apud* SANTOS, 2011)

Mapa 4 – Mapa de localização do bairro Cidade Nova



Fonte: < <https://www.google.com.br/maps/@-12.2256232,-38.9672442,15z>>

O Bairro Cidade Nova tornou-se um dos mais populosos de Feira de Santana, com aproximadamente 9.974 habitantes, segundo dados do IBGE, de 2013. Possui um comércio local forte, útil para moradores do próprio bairro e de outros próximos a ele, como Parque Ipê, Campo Limpo, Feira VI e George Américo, e distritos da zona rural, a exemplo de Matinha, Tiquaruçu e Maria Quitéria.

Em torno de uma praça e três ruas principais, giram uma estação de ônibus,

o Terminal Norte, a Feira Livre, Cesta do Povo, uma agência do Banco do Brasil, duas casas lotéricas, farmácias, um Mercantil Rodrigues, caixas eletrônicos do Bradesco e Caixa Econômica Federal, igrejas e pequenos supermercados e comércio de bairro.

Figura 4 - Centro Odontológico Vamos sorrir



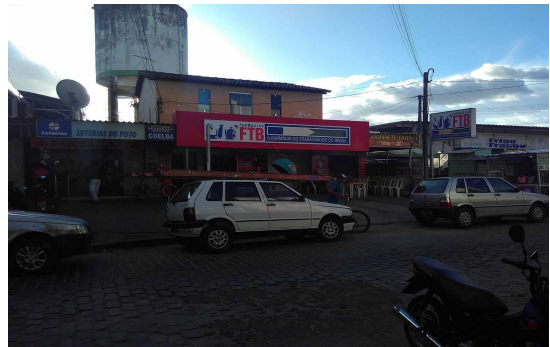
Figura 5 - Farmácia Silva



Figura 6 - Posto de Gasolina



Figura 7- Lotérica e Farmácia do Trabalhador



Por volta de 1969, surgiu a Feira da Cidade Nova, com maior concentração de feirantes sempre às sextas-feiras à tarde, rompendo pela madrugada. No começo, foi composta por agricultores dos distritos de Feira de Santana e de algumas cidades como Serrinha, Santa Bárbara, Santo Estevão e localidades da região. (Vídeo: Feira Livre). Começou com a instalação de bancas de carne à frente do mercado público e, depois, foi introduzida a venda de verduras, legumes e frutas. Observamos que, mais recentemente, foram criadas várias mercearias, resultando em outra organização estrutural ao espaço.

Foi mais tarde, “oficialmente denominada pela administração como Complexo Comercial da Cidade Nova (Centro de Abastecimento Norte) Crispim Manoel Ramos – Dadinho (SILVA JR.; PROST, 2013, p. 301), em homenagem a Crispim Manoel Ramos, conhecido como Seu Dadinho, violeiro e cantador, descrito

como “um homem do campo, vaqueiro, peão, puxador de samba de roda, que formou dupla de violeiros com o repentista Abdias Soares, lá nos idos de 1945.” (FIGUEIREDO, 2010)¹²

Destacamos que a origem e permanência da Feira da Cidade Nova de Feira de Santana decorrem de vários fatores: a) o potencial do lugar no que diz respeito à localização, permitindo acesso a estradas rodoviárias, sendo uma delas a BR116 norte; b) a acessibilidade com relação às rodovias, pontes, e aos diferentes meios de transporte – moto, carros, bicicleta entre outros; c) ao crescimento da atividade de produtos diversificados com destaque para os comestíveis como: frutas, verduras, legumes, entre outros.

Em se tratando da planta baixa pensada para agregar o complexo da feira livre, esta retrata a concepção original do projeto de modernização. Sua instalação conferiu aspecto estético, ambiental e sanitário, tentando trazer conforto, segurança e mobilidade aos transeuntes do local. Durante a realização do levantamento bibliográfico foram realizadas diversas buscas a planta baixa da feira da cidade Nova, mas não foi encontrada.

Também o espaço conta com uma cobertura geral que foi planejada com base na construção de instalações sanitárias, boxes para comercialização, recuperação de passeios, e recuperação dos locais que ofereciam algum risco ao público atendido. Ainda pensando na comodidade dos frequentadores da feira livre foram construídos pontos para estacionamentos, coletores de lixo internos e externos, assim como houve uma preocupação com a rede de esgoto e abastecimento de água, dentre outros aspectos. (Entrevista 1)

O complexo comercial atual foi revitalizado em 2004, na gestão do prefeito José Ronaldo de Carvalho, através da Secretaria de Planejamento, da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, bem como da Secretaria de Agricultura, Recursos Hídricos e Desenvolvimento Rural. A Feira da Cidade Nova conta com a participação de uma associação de feirantes que realiza reuniões nos galpões, que acontecem mediante necessidade. (Entrevista 1)

Em 2016, uma nova reforma cobriu parte da feira livre que funcionava em área descoberta para um melhor atendimento por parte dos feirantes, que colocam

¹² Em 1968, Dadinho e seu filho Caboclinho apresentavam um programa de rádio na Sociedade AM e se tornaram muito populares, assim como João Ramos que passaria a fazer dupla com seu irmão após 2003, após o falecimento de seu pai. A família Ramos atuou por 40 anos no rádio feirense. (FIGUEIREDO, 2010).

suas barracas e expõem seus produtos, quanto para os compradores. Conforme observado nas figuras (8, 9 10, 11).

Figura 8 - Frente da BR 116



Figura 9 - Frente da BR 116



Figura 10 - Galpão 02



Figura 11 - Galpão 03



Essa série de intervenções demonstra a preocupação com a infra-estrutura do espaço construído, seguindo a tendência da cidade e da expectativa da população por conforto, pois, o local é bastante concorrido pelos comerciantes, constando de 3 (três) galpões.

Tais reformas na estrutura física, como calçamento, construção de banheiros para os feirantes e transeuntes, esgotamento sanitário, cobertura do local no qual estão as barracas trouxe uma qualidade significativa para os feirantes e quem circula pela feira.

4.2 Os Feirantes

Para a pesquisa realizamos um total de 20 entrevistas aplicadas entre 2015 e 2017, sendo 1 com a administradora da Feira do bairro da Cidade Nova (Feira de Santana), e 19 comerciantes com feirantes da mesma. Deste, 13 se identificaram,

houve ainda várias conversas informais com feirantes.

Constatamos que a maioria dos feirantes da Feira da Cidade Nova, que entrevistamos, trabalham há mais de 40 anos no local. Dos entrevistados a mais antiga iniciou a "vida de feirante" há 41 anos em 1977, sendo entre os entrevistados a feirante e a dona de barraca mais antiga. Dez dos entrevistados disseram que os principais consumidores são os mais antigos moradores do bairro Cidade Nova são os que frequentam com maior incidência a feira, a qual compreendemos como patrimônio público a ser preservado pelos benefícios que traz para o bairro e a cidade.

Os feirantes da Cidade Nova são de Feira de Santana ou outras localidades da Bahia e até de outros estados do Brasil. Como os entrevistados 2 e 4 que são da Paraíba. Todos os entrevistados são adultos ou idosos.

Diante do alcance das feiras livres e de sua capacidade de absorção de mão-de-obra independente de qualificação, formação ou faixa etária e de acordo com entrevistas feitas, sobre o que os levou à prática da feira livre (entrevistas, 4, 6, 8, 9, 10) responderam que foi o "desemprego", outros feirantes responderam ter sido por não gostar de trabalhar para outras pessoas ou empresas, mas também alguns declararam gostar da profissão de feirante, como:

Sempre gostei de comércio, na época tinha um salão de beleza, e resolvi colocar em frente ao seu estabelecimento, uma barraca de frutas e legumes. E hoje trabalho com laticínios. (Entrevista 4)

Talvez isso se dê pelo fato de que consideramos a feira é um espaço de inserção no mercado de trabalho, pois para desenvolver esta atividade não é exigida capacitação formal, apenas aprendizado que se dá através da prática e da oralidade.

A quantidade de pessoas que depende da renda deste tipo de comércio em uma mesma família é muito variada. Encontramos famílias que possuem 2 ou 3 pessoas, mas esta quantidade chega a mais de dez em alguns casos, o que denota a importância da atividade.

No processo de pesquisa, notamos que aproximadamente 15 feirantes demonstraram falta de entusiasmo em relação à continuidade de seus filhos nesta profissão, respondendo que não os incentivaram nem incentivariam seus filhos a seguir a sua profissão, muito pelo contrário, incentivam sim, para que eles "estudem

para serem pessoas melhores” como foi observado nas entrevistas 9, 10 12, os feirantes alegaram que; estudar e ser feirante não são coisas incompatíveis. Enquanto os entrevistados 2, 5, 8 e 11 incentivam a profissão, uma vez que as gerações mais novas assumem os postos de seus pais na manutenção do comércio local como uma forma de preservação da história familiar.

Durante as entrevistas foram questionados também sobre o valor da feira livre tanto para a vida pessoal, quanto como contribuição para vida sociocultural da feira para a cidade de Feira de Santana. Talvez pela falta de entendimento e da amplitude do termo cultura apenas um dos entrevistados disse entender a importância e sabe o valor que representa ser feirante, não só pelo retorno financeiro, mas por manter o legado deixado pelos antecessores, das velhas as novas gerações, foi o caso do entrevistado 2 que respondeu que “Sim” ao ser questionada sobre a importância cultural da feira livre.

4.3 Produtos Comercializados

De acordo com os feirantes entrevistados, começam a trabalhar entre 6 e 7h durante a semana, e entre 5h e 5h30 nos finais de semana. No que tange o encerramento do horário de trabalho acontece entre 17h e 17h30 durante a semana e às 15h nos finais de semana. Na consideração sobre os dias de funcionamento da feira, as respostas de todas as entrevistas foram “Todos os dias da semana” e “De domingo a domingo”. Trata-se de um trabalho que exige organização e determinação, sendo a dedicação fundamental para os feirantes. Demonstraram uma consciência da necessidade de trabalhar para garantir a renda da família, assim muito deles não tem descanso. Por serem “independentes”, autônomos, cuidam em geral de seu próprio negócio.

A Feira da Cidade Nova dispõe de produtos e serviços diversos. Os primeiros variam dos ramos de horti-fruti, açougue, frigoríficos, laticínios e cereais (mercearias) (Figuras 12, 13, 14 e 15) até artesanato (objetos, alimentos e bebidas), confecção, eletrônicos. Possui serviço no ramo de alimentos e bebidas (bares, lanchonetes e churrascaria).

Figura 12 - Frutas e verduras



Figura 13- Cereais



Figura 14 - Artesanato



Figura 15 - Temperos



Fotos: Maria José, 2015

Os produtos comercializados na Feira da Cidade Nova estão assim dispostos: Cereais (feijão, milho), temperos secos, produtos artesanais (cofrinho de barro), queijo, ovos, manteiga, rapadura, tomate, cebola e muitos outros. Quando questionados de onde adquiriam o material para as vendas, em sua maioria, os comerciantes afirmaram adquiri-los no Centro de Abastecimento de Feira de Santana, bem como em outros comércios e localidades no caso dos laticínios que vêm de fazendas na zona rural ou de outras cidades vizinhas. O tipo de produto vendido na Feira é o consumido pelos moradores do bairro da Cidade Nova, seu principal público.

Sobre a época de melhor vendagem, os entrevistados destacaram o período de festas, na Semana Santa, nos finais de semana, no final do mês, assim como no mês de maio até o mês de dezembro as vendas tendem a aumentar.

Sobre os produtos manufaturados que são comercializados, fomos informados que são feitos o beiju crocante, beiju de tapioca na palha de banana e o bolo de puba na palha de banana. (Figuras 16 e 17).

Figura 16 - Vendedora de bolo e beiju



Figura 17 - Bolo na folha de bananeira e beiju



Fotos: Maria José, 2015

O processo até chegar na tapioca é muito trabalhoso, pois segundo uma senhora de 68 anos, que é feirante e comercializa esses produtos gastronômicos há mais de 40 anos, e que trabalha na terra do seu sítio e leva para a feirinha as suas iguarias para serem comercializadas, e com o resultado das vendas, sustenta a sua família.

Sobre o fazer tradicional, resulta da agricultura familiar. A mandioca que é plantada é transformada em farinha na “casa de farinha”, e os equipamentos utilizados são manuais e feitos de madeira. As raízes da mandioca, depois de colhidas são raspadas com facas, momento que enfatiza o trabalho coletivo. Em seguida, essas raízes que foram raspadas são moídas, e levadas para uma prensa, a massa, que depois de prensada, e finalmente a tapioca é retirada.

A tapioca é uma farinha branca, que é peneirada ficando bem fininha e sem caroço, vendida em litros. A massa depois de peneirada é espalhada sobre uma chapa quente de um forno à lenha, que começa a levantar as beiradas por causa do calor, e vai dando forma, e com uma faca vai cortando de uma forma a deixar pronta para ensacar depois de fria. O resultado é um beiju crocante.

Para fazer o beiju de tapioca na palha é utilizada palha de bananeira lavada. Em uma panela grande são colocados pedaços de folhas e tirinhas, para amolecer, a fim de facilitar na hora de embrulhar a massa. Esta é feita com tapioca fina, coco seco ralado, leite de coco, sal e açúcar a gosto.

Depois a tapioca é temperada com a água, sal e açúcar; em seguida, mistura-se o coco ralado à massa de tapioca e deixa-se por uns 20 minutos. O ponto dessa massa é meio úmido, de modo que quando apertar nas mãos a massa não solte.

Com as folhas da bananeira no tamanho adequado, em torno de 40cm, e bem molinhas, a massa deve ser apertada entre uma ou duas dobras das folhas, e levada para assar na chapa do forno durante no período de 5 a 10 minutos. Depois de assado o bolinho abre-se a folha de bananeira, e coloca-se um pouco do leite de coco açucarado. Assim obtém-se o beiju na palha de bananeira. Conforme foi relatado na entrevista.

Para fazer o bolo de puba na palha de bananeira, a palha (pedaços das folhas e tirinhas) é lavada e colocada em uma panela com água para ferver, assim elas amolecem e facilita quando chega a hora de embrulhar a massa. Coloca-se manteiga, coco ralado, açúcar, sal e em uma bacia, mistura-se tudo com a puba peneirada, e acrescenta-se uma xícara de chá de cravo com canela em pau, e leite quente aos poucos. Vai amassando essa massa até ficar bem lisinha. Depois, corta-se a palha da bananeira no tamanho de aproximadamente 15X30cm para colocar a massa pronta. O bolinho é então levado para assar na chapa quente do forno de lenha. Por fim, organiza-se tudo em um vasilhame com tampa.

Na Feira Livre da Cidade Nova, há uma barraca de zinco coberta que comercializa, sequilhos e avoador artesanais, que vêm de Salvador; doce de banana na palha, de Jacobina; requeijão e queijo, de Ichu; manteiga cremosa e manteiga de garrafa que vêm de Santo Antônio de Jesus. (Figura 18) São iguarias que são bem vendáveis em qualquer época do ano. E em época junina, podemos encontrar nessa barraca produtos à base de milho, como canjica.

Figura 18- Doce de banana na palha



Figura 19- Badogue



Fotos: Maria José, 2018

No Galpão 2, há uma barraca que comercializa produtos artesanais, como: colher de pau, badogue, ninhos de passarinhos, machucadores de tempero, bainha

de facção, rolha de garrafa, cordas, ratoeiras, dentre outros. Todos feitos artesanalmente. (Figura 19)

Os feirantes são movidos por interesses comuns, de ordem comercial, que os mantêm ao longo de décadas na rotina do trabalho. As regras de convivência, firmadas apenas na oralidade, estão inscritas no interior de cada sujeito que faz uma feira livre. A quebra de regras pode gerar conflitos.

Nesse contexto, manifestações de sociabilidade que abrangem relações de solidariedade, apadrinhamento e parentesco podem ocorrer e, como observa Araújo (2012, p.52) no que diz respeito a feiras em Portugal e Brasil, o que ocorre na feira estudada. E como em outros espaços desta natureza: “[...] A feira é o ruído, a agitação, a música, a alegria popular, o mundo às avessas, a desordem, por vezes o tumulto” (BRAUDEL *apud* ARAÚJO, 2012, p.52).

Feirantes também estabelecem suas regras de negociação com seus clientes, baseadas na confiança, quando há impossibilidade de venda à vista.

A introdução de produtos comestíveis industrializados que podem aparecer entre os demais, decorre da concorrência dos produtos industrializados às vezes mais baratos do que os artesanais, e da necessidade dos feirantes em se manter no comércio em que as redes de supermercado são fortes concorrentes.

4.4 Organização e Limpeza

De acordo com a entrevista 1 foi relatado que o espaço da “feirinha” da Cidade Nova, contém três galpões cobertos, sendo a cobertura do terceiro a mais recente, (da atual Administração, iniciada em 2014).

O Galpão 1 abriga: 18 lanchonetes, voltadas para espaço externo, 18 lanchonetes voltados para espaço interno; 12 pontos de lanchonetes anexas ao Galpão 1 voltadas para o lado de fora; 12 pontos comerciais diversos (cereais, produtos de limpeza, produtos agropecuários, cerâmicas, mercearias e hortifrúti.); 14 mini-barracas de ferro de comércio variado. No total juntamente com as barracas, são 124 pontos comerciais.

O Galpão 2 possui 14 boxes de comércio variado (cereais, laticínios, açougue: frango, peixe, vísceras, carnes diversos). Com um total de 107 vãos. Em frente ao Galpão 2 tem 14 mini-barracas e 6 barracas de zinco de utilidades.

Nos dias de pico, ficam mais de 50 barracas, que surgem clandestinamente,

invadindo as ruas e congestionando o trânsito.

O Galpão 3 (Av. Brasil) tem 226 barracas de madeira sem cobertura, de produtos manufaturados, hortifrúti, etc.

As barracas são todas numeradas e existe um espaço de 1.20m para a passagem das pessoas entre quatro ou cinco barracas.

Atualmente a arrumação das barrancas começa na quinta-feira, na Avenida Brasil (terceiro galpão coberto) por dois funcionários cedidos pela Prefeitura, para que, ao chegar na sexta-feira de madrugada, os comerciantes já possam arrumar as suas mercadorias. É cobrada uma taxa de 2 reais a todos os feirantes para que seja feita esta arrumação e limpeza.

Depois das barracas todas arrumadas começa a limpeza com vassouras, trabalho executado por duas moças que juntam todo o lixo, e o colocam bambulê (local que é colocado o lixo e levado para um recipiente grande que fica do lado de fora, próximo da BR). A coleta do lixo é feita por uma firma terceirizada, e tais resíduos são levados para o lixão localizado na Expansão do bairro Feira IX. Segundo depoimento:

O lixo daqui é coletado, e jogado... para caixa mestra que fica ali do lado da pista, agora tá tendo duas caixas, mas tem uma que é exclusivamente pra o lixo daqui, leva pra lá. Nos domingos, aí vem três homens da Sustentari, e aí... o pessoal da Sustentari vem, recolhe todo o lixo pesado, mais toda a parte fina onde você hoje pode andar, circular e ver a feira limpa, é feita por mim, que limpo e meus três funcionários, é dessa maneira que a gente vai tocando. (Entrevista 1)

Os galpões são lavados quinzenalmente por duas pessoas que trabalham, usando vassouras, água, sabão, cloro e rodo.

E aí ele¹³ me deu três funcionários ... E aí eu venho tocando com esses três funcionários que é a nível de cooperativa, contratados por ele... E aí eu venho tocando com três funcionários.... É pouco! É pouco, mas foi o que ele pode me dar, e é com essas três mãos de obra que eu tenho mantido a feira nesses dois anos e meio. (Entrevista 1)

De acordo com a Administração, os banheiros são limpos duas vezes por dia, o que é muito pouco, mas também observamos que falta de respeito ao espaço por

¹³ O Prefeito José Ronaldo de Carvalho

parte dos usuários, que também não zelam pelas instalações, quebrando portas, descargas, e jogando papel no chão.

[...] o maior problema da gente aqui é os banheiros, mas é um problema que quem tá causando não é eu, não é o gestor, não é as pessoas que tem noção do que tá fazendo, são aquelas pessoas que vem com vandalismo, entendeu? (Entrevista 1)

O número de vezes e a quantidade de pessoas é insuficiente, devido a resíduos de alimentos e circulação de pessoas.

Os pavilhões cobertos são fechados e há 10 portões, abertos diariamente pelo segurança do local.

Na pesquisa realizada em 2013 por Ivan de Matos Silva Junior e Catherine Prost, sobre a Feira da Cidade Nova de Feira de Santana, esses autores assinalaram que esta foi “qualificada pelos consumidores e moradores como espaço carente de organização, feio, mal situado e, ainda que contraditoriamente, bem estruturado (padronizado).”

Também em tal pesquisa, os entrevistados falaram do problema de concentração de lixo num dado lugar por tempo prolongado, o que afeta moradores que passam pelo local.

Em nossa pesquisa, observamos que há uma preocupação com a cobertura dos produtos, como a farinha, feijão, manteiga, queijo e requeijão, com vasos de cerâmica ou com panos limpos, um a um, menos nos de palha, tipo: cebola, alho. Também os próprios feirantes realizam a limpeza dos locais de trabalho, o que vai desde a retirada dos produtos ruins à higienização das prateleiras e do chão, com água, desinfetante, detergente, sabão, cloro e flanela.

Conquanto, é difícil conservar locais de grande circulação de pessoas. Pudemos observar através de imagens e vídeos, banheiros quebrados, sujos, lixos acumulados, apesar da vontade da gestão em mantê-los. (Imagens 20 e 21).

Figura 20 - Lixo acumulado na entrada da feira



Figura 21 - Falta de conservação dos espaços e lixo acumulado



Chamou-nos a atenção na entrevista com a administração, a Assistência Médica, o fato de ter acordo com um médico clínico geral, que vai uma vez por mês dar assistência aos feirantes e familiares, e que é meta conseguir um pediatra, um ginecologista e um oftalmologista para que possam atender os feirantes no local. Pudemos observar a preocupação com a saúde dos feirantes na fala da administradora:

[...] a gente também tem aqui uma parceria com a Secretaria de Saúde no programa Conviver Feira, e aí uma vez por mês, elas nos mandam um ônibus, com equipe médica, aí um clínico geral, vem uma nutricionista, entendeu! E aí, a gente quer que também, que esse leque se es... se estique, que não venha só a especialidade do clínico, da nutricionista, mas que a gente possa trazer o ginecologista, possa trazer o pediatra, possa trazer um oftalmologista, que aqui também agente trouxe, mas esse oftalmologista foi a nível particular, um gastro [...]. Então, fazer realmente um programa diferenciado, porque na maioria das vezes as pessoas que está aqui trabalhando, não tem tempo de buscar saúde, nos postos de saúde, eu tenho certeza que tem gente que as vezes está se sentindo mal, mais prefere vim praqui vender, porque tem um compromisso pra pagar, então deixa de buscar saúde, então, aí o médico vem até eles, e a gente está tendo uma aceitação boa, e ele tá atendendo aqui, mais de vinte e cinco pessoas. (Entrevista 1)

5 O POTENCIAL DA FEIRA PARA REALIZAÇÃO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Definir o que trata a educação patrimonial revela a importância no desenvolvimento do trabalho de reconhecimento da feira como um artefato cultural, sobre isto Horta (2003) destaca nesta perspectiva que a educação é um processo permanente e sistemático, precisa ter como centro o Patrimônio Cultural, enquanto fonte primária de conhecimento individual e coletivo, as feiras livres, pela sua estrutura e funcionamento pode ser considerada como um campo de enriquecimento da cultural local, no caso, a feira da Cidade Nova.

A história de uma cidade se faz através de suas construções mais marcantes e permanentes no passar dos anos, e sobreviver aos processos de globalização só faz confirmar a importância das Feiras Livres. Conforme observado na entrevista.

Essa feirinha começou na época eu novinho ainda, começou assim como eu lhe disse começou mais com o pessoal vendendo carne, depois é que começou vendendo fruta, aí a feirinha começou a crescer muito aí na época aquele que até faleceu agora tem pouco tempo, Zé Pinto que fez uma reformazinha pro pessoal, ai essa feira começou a crescer que chegou a um ponto que teve que fazer uma reforma maior por que tava grande demais. Aí teve que fazer essa reforma aqui todinha o pessoal daqui da frente saiu e foi lá pra trás enquanto reformava aqui. (Entrevista 11)

Neste sentido a Feirinha da Cidade Nova ilustra o processo de crescimento da cidade de Feira de Santana. Partindo do pressuposto de que toda feira livre serve como um meio de se aprofundar na cultura de um lugar, das pessoas que nela vivem, da própria economia, da política, pois as mesmas possuem uma linguagem própria, uma forma organizacional própria, de regras de convivências que respeitam uns aos outros enquanto seres humanos, regras não ditas por escritas mais inscritas no interior de cada sujeito que assim faz a “feira livre”. Segundo, Araújo, (2012, p.52);

A feira é o local em que as sociabilidades se manifestam em todas as suas dimensões, sendo na rua que elas se expressam com maior intensidade. Inúmeras são as pessoas que se deslocam semanalmente para os núcleos urbanos, oriundos da zona rural ou mesmo de outros centros urbanos, transformando a feira numa efervescência social, caracterizada por uma multiplicidade de

sujeitos, com variados eventos, modificando, ainda que por um período curto, a temporalidade da cidade e imprimindo um dinamismo diferente do rotineiro, do habitual. Como nota Braudel, “ (...) A feira é o ruído, a agitação, a música, a alegria popular, o mundo às avessas, a desordem, por vezes o tumulto”. Araújo, (2012, p.52);

Assim a Educação Patrimonial busca promover a mudança na estrutura organizativa da sociedade, voltando o olhar para as formas colaborativas e crítica dos patrimônios, valorizando locais antes negados, marginalizados, como a questão do trabalho vivo, entendendo o trabalhador como o verdadeiro criador de riquezas, como sujeitos da cultura, dá-se, assim, um novo sentido a esse mesmo patrimônio.

Dentro dessa mudança, impulsionada pelas necessidades da sociedade contemporânea, que tem exigido e buscado cada vez mais locais, discursos, materiais que lhes representem dos quais possam sentir representado, a museologia tem a missão de acompanhar e promover locais de movimento múltiplo, não só o ecomuseu, museu de comunidade, museu de vizinhança, e museu local, mas também a participação integrada da população, ampliação dos instrumentos culturais, tendo como ponto de partida a diversidade. Percebemos isto em uma das falas da entrevista 11.

Vim pra aqui com dois saquinho, mas sempre só com a amizade, com os amigos o povo me ajudando e eu ajudando o povo. E hoje continua do mesmo jeito se baixou eu baixo se subiu eu subo o que puder fazer eu faço nunca toquei uma troca de ideia com ninguém aqui nessa feira, com 40 anos. Olhe, a gente tem um negócio tem que ter sabedoria, se não tiver sabedoria nunca vai pra canto nenhum... entendeu? A pessoa que tem família grande, mas quem não tem, tem muita fé em Deus mas toda sabedoria é pouca... (Entrevista 11).

Acompanhando estas mudanças os museus têm buscado uma renovação na concepção do mesmo, bem como novas propostas de acordo com as necessidades específicas de cada sujeito que compõe a sociedade, adequando aos gostos, gestos, maneiras de ver o mundo, aceitabilidade, e conforto no *lócus* de visitação.

O olhar sobre as novas formas de se conceber o patrimônio, a função do museólogo e os museus, permitem olhar para as feiras livres, a feira da Cidade Nova, como um artefato cultural que responde as novas demandas sociais. Pois se revermos a história das cidades, podemos perceber que está se faz através de suas

construções mais marcantes e permanentes no passar dos anos, sobreviver aos processos de globalização só faz confirmar sua importância. Segundo Teixeira, 2005, p. 3.

O ecomuseu nasceu, como acabamos de referir, de um novo contexto político, económico e social, que proporcionou a sua valorização e que se opõe ao museu tradicional, templo da cultura, universal e intemporal. (Teixeira, 2005, p. 3.)

Para Assmann (1999), memória cultural é constituída, assim, por heranças simbólicas materializadas em textos, ritos, monumentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e outros suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou. Como observado na entrevista 11.

Olhe, quando eu cheguei aqui todo mundo vendia rudiando esse mercado oí, dessa ponta a outra, minha primeira barraquinha foi naquele cantinho ali onde tá aquela galinha assando, mesmo ali o começo foi ali (Entrevista 11).

A Feira da Cidade Nova traz consigo tais características de importância que foram notadas durante as conversas informais com os feirantes que se emocionaram ao recordar do surgimento da feira e possui uma riqueza cultural latente, pois cada um traz consigo uma tradição do seu local de origem e agrega-os na rotina da Cidade Nova através das trocas que este tipo de comércio possibilita.

Para Assmann (1999), existe ainda a memória comunicativa, que por outro lado, restringe-se ao passado recente, evoca lembranças pessoais e autobiográficas e é marcada pela durabilidade de curto prazo, de 80 a 110 anos, de três a quatro gerações. E, por seu caráter informal, não requer especialização por parte de quem a transmite. Como observado na entrevista 11.

Construimo a família da gente... sou pai de 9 filhos criei meus filho aqui dentro... aqui dentro! ... com essa renda aqui, comecei com 2 saquinho de farinha ... comecei... depois com o tempo... comecei com um saquinho de feijão... que eu fazia.... a rendinha daqui os filho comia tudo (risos) não deixa com nada...(Entrevista 11).

E na entrevista 12.

eu comecei a trabalhar aqui na feirinha na verdade eu comecei com uns 12 anos foi na época meu pai fez um carrinho de mão de madeira e lá em casa tinha pé de... de carambola, de seriguela e todo domingo na época de fruta eu botava no carro de mão e vinha vender aqui. (Entrevista 12)

Segundo o IPHAN¹⁴, o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.

Segundo Heinich (2009, p.151 *apud* BRULON, 2015, p. 270) o patrimônio em si mesmo pode ser entendido como uma categoria valorizada, de modo que o simples fato de se categorizar um artefato como patrimonial significa que a ele é atribuído um valor. Assim, de acordo com Mascarenhas e Dolzani, (2008, p.83):

Por isso as feiras resistem na paisagem urbana contemporânea: a grosso modo, pode se dizer que por um lado há os que precisam sobreviver materialmente, por outro aqueles que, resolvida a questão material, zelam pela sobrevivência sociocultural. Mascarenhas e Dolzani, (2008, p.83):

Assmann (1999), afirma ainda que, os indivíduos recorrem para construir suas próprias identidades e para se afirmarem como parte de um grupo. Isso é possível porque o ato de rememorar envolve aspectos normativos, de modo que, se você quer pertencer a uma comunidade, deve seguir as regras de como lembrar e do que lembrar.

Portanto, devemos considerar as feiras livres como um lugar histórico de permanência em meio a tantas mudanças, sociais, políticos, culturais e econômicas, constituindo-se assim uma manifestação cultural e econômica forte no Nordeste do Brasil, apesar dos desafios enfrentados em meio à modernidade, onde grandes redes de supermercados cada vez mais têm oferecido os produtos comercializados nas feiras livres, apesar disto as mesmas têm garantido seu lugar de permanência na sociedade.

¹⁴ Patrimônio Cultural Imaterial: Para Saber Mais Iphan/ Minc. Brasília, agosto de 2009.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que pesquisa propõe uma investigação na área de Educação Patrimonial sobre esta feira junto à comunidade local para que se desperte para a necessidade de consciência de conservação da feira.

Vimos que as feiras livres são o meio de troca e comercialização de alimentos, e produtos artesanais bem como de encontros entre pessoas e de lazer; são importantes para a compreensão de práticas sociais fundamentais para a formação das sociedades, da circulação bens de consumo, manutenção e disseminação das culturas, possibilitando troca de informações e socialização entre os diversos atores que participam do processo.

A Feira da Cidade Nova, em Feira de Santana, vem atendendo às necessidades cotidianas das famílias do bairro desde o final dos anos 1960 com produtos comprados no Centro de Abastecimento e manufaturados na região ou em região próxima. Faz parte tanto da história do bairro quanto da cidade.

Ela é importante para o dinamismo socioeconômico do bairro, conseqüentemente da cidade, mantendo a modalidade do comércio varejista, fincada em práticas e costumes passados através de gerações. Contudo a conservação física do lugar, a estética na exposição dos produtos e o cultivo a atividades culturais no local, se forem melhor tratadas podem vir a valorizar a feira, o que pode trazer benefícios para seus usuários, sejam feirantes sejam público comprador.

Uma das questões apontadas com o objetivo de contribuir é a manutenção do espaço que tem um serviço de limpeza não compatível com a necessidade. Do mesmo modo é necessário um trabalho de Educação Patrimonial no que concerne cultura e ambiente, por se tratar de um local muito frequentado pela população do bairro que é significativo no conjunto da cidade.

A educação patrimonial voltada à Feira da Cidade Nova apresenta-se como um caminho a ser tomado em trabalho futuro a fim de que as pessoas que frequentam e trabalham reconheçam a feira como pertencente à comunidade e que esta seja reconhecida através da feira. A fim de que venha ser mais bem tratada por todos que dela se utilizam, além de que receba apoio do poder público.

E nesta perspectiva um bem, por sua função social e cultural, pode ser

melhor utilizado sem perder as suas características essenciais. Para isto é necessário o envolvimento de todos os atores, governo, associação e, sobretudo, feirantes e público, a fim de em conjunto melhorar as condições de uso, estimular produtos e atrativos que representem a comunidade. Assim como zelem por uma organização de seus locais de trabalho e pela limpeza mais assídua.

A participação integrada da população na compreensão da Feira e nas formas de uso e necessidade de melhorias físicas e de atitudes pode ser ponto de partida para um trabalho a ser seguido.

A Feira da Cidade Nova é um bem que pode ser mais representativo da cultura feirense dos anos 1960 em diante, pois a sua trajetória reflete mudanças sociais que envolveram toda a urbe onde está a feira. Pelo número de espaços de venda, podemos dizer que dela dependem muitas famílias as quais podem fazer a feira cada vez melhor se houver um trabalho voltado ao patrimônio.

Se revermos a história das cidades, podemos perceber que esta se faz através de suas construções mais marcantes e permanentes ao passar dos anos, "Sobreviver" aos processos de globalização só faz confirmar sua importância. Considerando o pressuposto de que toda feira livre serve de meio para nos aprofundarmos na cultura de um lugar, porque possuem uma linguagem própria, uma forma organizacional própria, regras de convivências, regras não ditas por escrito, mas inscritas no interior de cada sujeito, e que são campo para estudos dos processos históricos de um lugar, pois é neste universo que desvela as lutas e conquistas regionais.

Vale destacar que as feiras livres foram de grande relevância para a história da formação econômica de Feira de Santana, ocorrendo assim o surgimento de várias feiras, tais como a feira livre da Cidade Nova.

É certo que algumas feiras tiveram que mudar de lugar, por conta da modernização, mas também outras permanecem no mesmo lugar de seu nascimento, o único fato é sua ampliação por causa do aumento de feirantes para atender a comunidade local. Vale destacar que apesar de se modernizar, as feiras livres permanecem forte no sistema econômico, a sua forma de lidar com o público se mantém, e as pessoas frequentam este lugar, muitas vezes, para distração, para encontrar e reencontrar amigos, como lazer, passa tempo, e pela variedade de oferta nesse espaço chamado, feira livre.

As entrevistas e a observação feitas no espaço da Feira da Cidade Nova demonstraram o quanto é importante para a economia local, o quanto os feirantes são reservados em relação a tratar do assunto, pois é natural que haja coisas a melhorar, principalmente, as condições do ambiente, mas é preciso diálogo entre partícipes do processo.

Os feirantes enquanto sujeitos deste lugar não são os únicos, além deles os frequentadores da feira que, em trabalho a ser proposto deverão participar mais.

O diálogo precisa ser aberto com a própria a Administração, que muito contribuiu, dando acesso a esta pesquisa. Um diálogo com o poder público para que se envolva no processo de mudança através da Educação Patrimonial, atingindo escolas, público em geral e feirantes, que são a mola mestra no processo.

Esperamos que reflexões advindas deste trabalho corroborem para o conhecimento acerca da sociedade a qual estamos inseridos, servindo como uma forma de intercâmbio de conhecimentos, histórias, culturas, assim como tomada de posições, pois a modalidade da feira livre está enraizada por todo o território brasileiro, e por todo o mundo, como uma atividade que tem uma de suas características, o deslocamento, fator este que enriquece a cultura.

REFERÊNCIAS

- ARAS, Lina Maria Brandão; ANDRADE, C. M. P.; TEIXEIRA, Maria das Graças de Souza. História e Museologia: o ensino de História e os museus. In: NASCIMENTO, Sergio; OLIVEIRA, Josivaldo; GUERRA FILHO, Sergio. (Org.). *Bahia: Ensaios de História Social e Ensino de História*. Salvador: Lívia, 2014, v. 1. p. 263-290.
- ARAÚJO, Giovanna. Aspectos sociais do cotidiano das feiras livres: um estudo etnográfico em território português e em solo brasileiro. *Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais*, v.9, n.2, - p. 49-64, jul. dez. 2012.
- Assmann, Jan. Dossiê Memória da revista "Estudos Avançados" (nº 37, set.-dez/1999).
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BRASIL. Decreto Nº 5.753, de 12 de abril de 2006. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_...2006/2006/decreto/d5753.htm>. Acessado em 19 dez. 2017.
- CAMPOS, Edson. A extinção da Antiga Feira-Livre de Feira de Santana no centro da cidade – 1975-1976. História da Bahia III, s.d. Disponível em: <<https://bahia3ucsal.wordpress.com/temas/a-extincao-da-antiga-feira-%E2%80%93-livre-de-feira-de-santana-%E2%80%93-no-centro-da-cidade-1975/>>. Acessado em 26 dez. 2015.
- CARTA DE BRASÍLIA, 7 DE junho 2010. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20Brasilia.pdf>>. Acessado em: 26 dez. 2015.
- CORRÊA, R. L. *Trajetórias geográficas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COSTA, Joaquim. Mercados e feiras em Felgueiras. Presença secular para o desenvolvimento local. Universidade Fernando Pessoa. Portugal, 2013
- CRUZ. Magno de Oliveira. (Re) Construindo Uma Cidade: Experiências Urbanas Em Feira De Santana/Ba Nas Primeiras Décadas Do Século XX. VII Simpósio Nacional de História Cultural História Cultural: Escritas, Circulação, Leituras E Recepções Universidade de São Paulo – USP São Paulo – SP. Novembro de 2014.
- DESVALLÉES, André; e MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Editores: Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- DÓREA, Juraci. Eurico Alves e a Feira de Santana. In: GODET-OLIVIERI, Rita (org.). *A poesia de Eurico Alves: Imagens da Cidade e do Sertão*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

DOSSIÊ. Feira de Caruaru. Inventário Nacional de Referência Cultural. Fundação de Cultura de Caruaru, MinC, IPHAN. [2006].

DUARTE, Adelaide Manuela da Costa. *O Museu Nacional da Ciência e da Técnica: 1971-1976*. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2007.

DUARTE, Alice. *Nova Museologia: os pontapés da saída de uma abordagem ainda inovadora*. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio. MAST – vol. 6 nº 1 – 2013.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Espacialidades do Espaço. In: FERRARA, Lucrecia D'Alessio (org.). *Espaços Comunicantes*. São Paulo, Anablume, 2007. p. 8-25.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem Pariu Matheus Que Balance*. 1890.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. *Patrimônio: discutindo alguns conceitos*. _____ Disponível: <http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewDownloadInterstitial&path%5B%5D=88&path%5B%5D=pdf_71>. Acessado em: 18 mai. 2015.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, S. de C. A. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

FIGUEIREDO, Ana Bárbara. "De repente" ainda se vive. 30 out. 2010. Disponível em: <<http://agenciadenoticiasdafat.blogspot.com.br/2010/10/de-repente-ainda-se-vive.html>>. Acessado em 29 dez. 2017.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

GONÇALVES, Marly de Menezes. *O uso do computador como meio para a representação do espaço: estudo na área de ensino do digital & virtual design*. Tese de doutorado em Design e Arquitetura. FAUUSP. Orientação: Mônica Baptista Sampaio Tavares, Élide Monziglio e Carlos Robero Zibel Costa. São Paulo: 2009. 338 p. il. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-19032010.../tese_total_ficha.pdf>. Acessado em 13 out. 2016.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. *Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas*. Museu de Astronomia e Ciências Afins - Organização de: — Rio de Janeiro: MAST, 2009.

HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Educação Patrimonial*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/index.htm>>. Acessado em 9 set. 2016.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA) Bahia, Feira de Santana. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=291080&search=|infogr%E1ficos:-hist%F3rico>>. Acessado em 23 dez. 2017.

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>>. Acessado em 18 dez. 2017.

IPHAN. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Feirantes e comunidade recebem título da Feira de Caruaru como patrimônio imaterial do Brasil*. 12 fev. 2007. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1780/feirantes-e-comunidade-recebem-titulo-da-feira-de-caruaru-como-patrimonio-imaterial-do-brasil>>. Acessado em 18 dez. 2017.

IPHAN. *Feira de Campina Grande (PB) é novo Patrimônio Cultural do Brasil*. 27 set. 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4367/feira-de-campina-grande-pb-e-novo-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acessado em 19 dez. 2017.

IPHAN. Fototeca. *Registro de Lugares*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/18/fototeca-registro-dos-lugares>>. Acessado em 29/07/2017.

IPHAN. *O Patrimônio Natural no Brasil*. 20 jan. 2004. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio_Natural_no_Brasil.pdf> Acessado em 19 dez. 2017.

IPHAN. *Patrimônio Material*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acessado em 18 dez. 2017.

IPHAN. *Instrumentos de Salvaguarda*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/418>>. Acessado em 29/07/2017.

LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 144 p.

_____. (1970) *Du Rural à L'Urbain*. Paris: ed. Anthropos, 2001.

MENESCH, Peter. Objeto – museo – Museologia: el eterno triangulo. In: Cuadernos de Museologia. Lima: Museo de Arte Popular, 1994. p. 5.

MENESES, Fabiano Gonçalves. Estruturação do Município de Feira de Santana após 1970. A influência do CIS em seu desenvolvimento. Pró-reitoria de Pesquisa E Pós-Graduação Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - CNPQ/UEFS. 2015

MOREIRA, Vicente Deocleciano. Projeto Memória de Feira Livre de Feira de Santana. Segunda faz. Texto n.1. Outras palavras. *Sitientibus*. Feira de Santana, n. 12, 1994. p. 1993-200. Disponível em:

<<http://www2.uefs.br/sitentibus/pdf/12/projetomemoriadafeiralivre.pdf>>. Acessado em 18 abr. 2015.

_____. Projeto Memória de Feira Livre de Feira de Santana. Segunda fase-Texto n.2. Outras palavras. *Sitentibus*. Feira de Santana, n. 14, 1996. p. 205-215.

Disponível em:

<<http://www2.uefs.br/sitentibus/pdf/14/projetomemoriadafeiralivreoutraspalavras.pdf>>.

Acessado em 18 abr. de 2015.

_____. Projeto Memória de Feira Livre de Feira de Santana. Segunda fase-Texto n.3. Outras palavras. *Sitentibus*. Feira de Santana, n. 17, 1997. p. 305-335.

Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitentibus/pdf/17/projeto_memoria_da_feira_livre.pdf>. Acessado em 18 abr. de 2015.

FREITAS, Nacelice Barbosa. Urbanização em Feira de Santana: Influência da industrialização 1970-1996. Universidade Federal da Bahia: Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura, 1998.

NUNES, Verônica Maria Meneses; LIMA, Luís Eduardo Pina. *Patrimônio Cultural*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2007.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Feira de Santana em Tempos de Modernidade: Olhares, Imagens e práticas do cotidiano (1950 – 1960). Recife: UFP, 2008.

OLIVEIRA, Clóvis F. Ramaiana M. Do Empório a Princesa do Sertão: Utopias Civilizadoras em Feira de Santana, 1893-1937. (dissertação de mestrado). Salvador: UFBA, 2000.

ORIÁ, Ricardo. *Educação patrimonial: conhecer para preservar*, 2005. Disponível em: <<http://www.minc.gov.br>>. Acessado em 20 de abr. de 2015.

PEDREIRA, Pedro T. Município de Feira de Santana: das origens às instalações. Salvador: Revista Alfa Gráfica e Editora, 1983.

PERICHI, Ciro Caraballo. Que é museografia? In: ARNAUT, Jurema Kopke Eis; ALMEIDA, Cícero Antonio Fonseca de. *Museografia: a linguagem dos museus a serviço da sociedade e de seu patrimônio cultural*. Rio de Janeiro: IPHAN/OEA, 1997.

PIEREZAN, Luana, CORREIA, Luiza Elizabete, MARQUES, Sônia Maria dos Santos. Ensino de história nas séries iniciais: possibilidades de uma ação pedagógica a partir das narrativas dos “antigos”. 1º Simpósio Nacional de Educação XX Semana de Pedagogia, 11,12 e 13 de novembro de 2008, Unioeste – Cascavel/PR.

POPPINO, Rollie E. Feira de Santana. Ed. Itapuã, 1968.

RAFFESTAN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Wagner Costa. Visões do patrimônio. 2006. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História- Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Brasil, v. 10, n. 3, 2006. p. 89-94. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/355/3_05526866006.pdf>. Acessado em 18 de mai. 2015.

SANTO, Sandra Medeiros. O desenvolvimento urbano em Feira de Santana (BA). *Sitientibus*, v. 28, p. 9-20, 2003.

SANTOS, Claudia Penha dos; GRANATO, Marcus, e, LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. (Org.). *Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas/Museu de Astronomia e Ciências Afins*. Rio de Janeiro: MAST, 2009.

SANTOS, Cátia Maria Ferreira dos. *Visões de uma Cidade: Imagens Urbanas de Feira de Santana (1929 – 1940)*. (Monografia de especialização em História da Bahia). Feira de Santana: UEFS, 2004.

SANTOS, J. E. *Feira livre e circuitos da economia urbana: um estudo da Feira da Pedra, em São Bento (PB)*. Natal, 2012. 294 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

SANTOS, José Erimar. Feiras livres: (re) apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional. *Geografia Ensino & Pesquisa*, vol. 17, n. 2, p. 39-53, mai./ ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10771/pdf> Acessado em 18 dez. 2017.

SILVA JUNIOR, Ivan de Matos e. *Olhar geográfico da gestão de resíduos sólidos urbanos: um estudo comparativo das representações socioespaciais nas feiras livres dos bairros George Américo e cidade nova em feira de Santana-Ba*. 202 fls. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2012. Disponível em: <<http://www.posgeo.ufba.br/disserta%C3%A7oes/Ivan%20de%20Matos.pdf> >. Acessado em 17 de abr. de 2015.

SILVA Junior, Ivan de Matos; PROST, Catherine *O olhar geográfico da gestão de resíduos sólidos urbanos: um estudo comparativo das representações socioespaciais das feiras livres dos bairros George Américo e Cidade Nova em Feira de Santana-BA*. *Gesta (Revista Eletrônica de Gestão e Tecnologias Ambientais)*, v. 1, n. 2, p. 286-304, 2013.

TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). *Educação patrimonial: reflexões e práticas*. – João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; VIEIRA, Eurípedes Falcão, Espaço Global: KNOPP, Glauco da Costa. Território, Cultura e Identidade. *RAD* Vol.12, n.2, Mai/Jun/Jul/Ago 2010, p. 1-19.

ENTREVISTAS:

Entrevista 1, a Natália Cristina Brito dos Santos. Feira de Santana, ano 2015.

Entrevista 2, a Ana Paulina Porto. Feira de Santana, ano 2015.

Entrevista 3, a Marileide Araújo Nunes “Mara”. Feira de Santana, ano 2015.

Entrevista 4, a Niserda Medeiros da Costa “Dene”. Feira de Santana, ano 2015.

Entrevista 5, a Noemia Alves Dos Santos. Feira de Santana, ano 2015.

Entrevista 6, a Manoel Ribeiro Dos Santos. Feira de Santana, ano 2015.

Entrevista 7, a Lucio Ferreira Lima. Feira de Santana, data...

Entrevista 8, a Pedro Ramos Gonçalves. Feira de Santana, ano 2015.

Entrevista 9, a Jose Carlos Neves Da Silva “Carlinhos”. Feira de Santana, ano 2015.

Entrevista 10, a Juscelino De Jesus. Feira de Santana, ano 2015.

Entrevista 11, a Fernando da Silva. Feira de Santana, ano 2017.

Entrevista 12, a Alcides Paulino Porto. Feira de Santana, ano 2017.

Filmes:

Feira Livre. Produção: Miriam Lima, Antonio Anacleto, Marinalva Lima. 14’50”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k7mwLeQ5Occ> Acessado em 18 dez. 2017.

Documentário Eu Tenho pra vender, quem quer comprar? Produção: Rodrigo Pamponet e Samara Sandes (sobre a aplicação de técnicas de Promoção de vendas e merchandising no Centro de Abastecimento na cidade de Feira de Santana). 15’02”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zSttoCCGvy4> Acessado em 18 dez. 2017.

Documentário sobre Centro de Abastecimento. Feira de Santana – Ba. Produção: Tv Aprisco. Publicado em 7 jul. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIGoMCEyhjl> Acessado em 18 nov. 2016.

Fonte da Imagens:

<http://feiraslivres.blogspot.com.br/> Acessado em: 17 de junho de 2016.

<http://memoriasdefeiradesantana.blogspot.com.br/> Acessado em 17 de junho de 2016.

<http://www2.uefs.br/pgh/fotos.html> acessado em 17 de junho de 2016.

<https://arquimedesdejeans.wordpress.com/2013/10/16/11-a-terra/> Acessado em 17

de junho de 2016.

<https://www.google.com.br/maps/@-12.2256232,-38.9672442,15z> Acessado em 19 dez. 2018.